

Avaliação de momentos de refeição em creches

Assessment of meal times in kindergarten

ABSTRACT

ZACCARELLI, E.M.; PHILIPPI, S.T. Assessment of meal times in kindergarten. *Nutrire: rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.= J. Brazilian Soc. Food Nutr.*, São Paulo, SP, v. 30, p. 17-29, dez. 2005.

New criteria of quality control of kindergarten children's feeding have been proposed. The purpose of the present study was to assess feeding aspects in children in the kindergarten based on these criteria, such as length of meals, interval between meals and the amount and behavior of adults during these times. Meal times were observed for three non-consecutive days, in three kindergartens in São Paulo City. The results of adult behavior were compared to the guidelines of the American Dietetic Association. Regardless of the working hours, the interval between the afternoon snack and dinner was short, of approximately 2 hours, in the three kindergartens. Most of the times, during the meals there was an adequate number of adults, which was not sufficient to assure pleasant conversation between adults and children, the incentive of intake of new foods or the accomplishment of a nutrition educational work with the children. We suggest, therefore, the adoption of new criteria to assess the feeding quality in the kindergarten, which may contribute to the formation of healthy feeding habits.

Keywords: feeding behavior; kindergarten; meal; pre-school.

ELIANA MENEGON ZACCARELLI¹; SONIA TUCUNDUVA PHILIPPI²

¹Mestre em Nutrição Humana Aplicada pelo PRONUT/USP.

²Pesquisadora e Professora Livre-Docente do Departamento de Nutrição, da Faculdade de Saúde Pública, da USP

Endereço para correspondência:

Eliana Menegon Zaccarelli
Rua Dardanelos nº 108
apto. 102 bloco B
Alto da Lapa
São Paulo, SP
CEP 05468-010
e-mail:
elianamenegon@sti.com.br

RESUMEN

Nuevos criterios de calidad en relación a la alimentación de preescolares en guarderías infantiles han sido recientemente formulados. El objetivo de este estudio fue evaluar la alimentación de niños en las guarderías con foco en estos criterios, observando los tiempos de duración de las comidas y el intervalo entre ellas, el número de adultos que acompaña las comidas así como su comportamiento durante esos momentos. Con este propósito fueron observadas las comidas ofrecidas durante 3 días no consecutivos, en 3 guarderías infantiles ubicadas en el municipio de São Paulo – Brasil. Se registraron los horarios y la duración de las comidas, el número de adultos presentes y su comportamiento en relación a la alimentación infantil. Los resultados fueron comparados con las recomendaciones de la American Dietetic Association para comportamiento de adultos durante comidas en guarderías infantiles. Se verificó intervalos pequeños, de cerca de 2 horas, entre la merienda de la tarde y la cena, en las 3 guarderías, independiente de su horario de atención. Durante las comidas, la mayoría de las veces, había un número adecuado de adultos, pero se observaba una interacción verbal agradable entre adultos y niños. No había en los adultos una actitud de incentivar en los niños el consumo de nuevos alimentos realizando un trabajo de educación nutricional que hoy en día se sabe, es fundamental para la formación de hábitos alimentares saludables. Se sugiere la adopción de nuevos criterios para evaluación de la calidad de la alimentación en guarderías infantiles estimulando la adopción de estos criterios que son importantes para la formación de hábitos alimentares saludables desde la infancia.

Palabras clave: comportamiento alimentario; guarderías; alimentación preescolar.

RESUMO

Novos critérios de qualidade em relação à alimentação de crianças em creches têm sido recentemente propostos. O objetivo desta pesquisa foi avaliar aspectos relacionados à alimentação de crianças em creches, baseados nestes critérios, tais como a duração das refeições, intervalos entre as mesmas e o número e comportamento de adultos no acompanhamento destes momentos. Foram observadas refeições oferecidas durante 3 dias não consecutivos, em 3 creches localizadas no município de São Paulo. Foram registrados os horários e duração das mesmas, número de adultos presentes e seu comportamento em relação à alimentação infantil. Os resultados foram comparados às recomendações da American Dietetic Association que estabelece referência para o comportamento de adultos durante refeições em creches. Verificou-se intervalos pequenos, de cerca de 2 horas, entre o lanche da tarde e o jantar, nas 3 creches, independente do horário de funcionamento das mesmas. Nos momentos de refeição houve, na maioria das vezes, um número adequado de adultos, mas isto não se mostrou suficiente para assegurar uma convivência agradável entre adultos e crianças, incentivo ao consumo de alimentos novos ou a realização de um trabalho de educação nutricional com as crianças. Sugere-se a adoção de novos critérios para a avaliação da qualidade da alimentação em creches, de tal forma, que os modelos passam contribuir para a formação de hábitos alimentares saudáveis.

Palavras-chave: comportamento alimentar; creche; refeição; pré-escolar.

INTRODUÇÃO

Um dos fatores determinantes das condições de saúde na infância é a qualidade da alimentação recebida, bem como o contexto em que é oferecida. As creches, berçários e pré-escolas, abrigam as crianças durante parte de suas vidas e, como parte de seus cotidianos constroem nestes espaços os hábitos alimentares. Por outro lado, a alimentação é um componente importante do atendimento em creches, organizador do cotidiano da instituição, e esta questão está registrada nos primeiros documentos oficiais sobre o tema.

O chamado modelo higienista de atendimento, com ênfase em alimentação e higiene, e o assistencialismo foram as características marcantes do histórico de creches no País (HADDAD, 1991; PAULA, 1994; ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2000). Isto está espelhado nos documentos que registram diretrizes técnicas para as creches da Prefeitura do Município de São Paulo. Nesses documentos, é possível verificar que os objetivos nutricionais são: “fornecer 100% das Recomendações Nutricionais Diárias (RDA) para todas as faixas etárias, visto que estas unidades funcionam diariamente por 12 horas” (SÃO PAULO (CIDADE), 1996). Mesmo as creches conveniadas, que devem manter um atendimento mínimo de 10 horas diárias, têm que adotar o mesmo esquema alimentar, ou seja, o oferecimento de 4 a 5 refeições diárias durante o período de funcionamento das mesmas. Note-se que o caráter assistencialista se traduz quando se considera que a creche deve oferecer tudo, o que acaba por excluir qualquer participação da família na questão.

Estudos sugerem novos critérios para avaliação do atendimento em creches, além da questão nutricional (AMERICAN DIETETIC ASSOCIATION, 1994; NAHIKIAN-NELMS, 1997; PIOTTO et al., 1998). Piotto et al. (1998) consideram que a discussão sobre a qualidade dos serviços oferecidos em creches “depende da visão de criança e de educação que se possui, a qual pressupõe, por sua vez, uma concepção de desenvolvimento infantil”. Indicam que as avaliações devam ser baseadas no cotidiano da criança na creche e não apenas nos resultados do atendimento. No referido trabalho os autores analisam os critérios de qualidade propostos em um estudo para credenciamento de creches na Austrália, onde são apresentados cinco princípios relativos à alimentação, a saber:

1. As refeições são ocasiões agradáveis.
2. A alimentação segue necessidades nutricionais diárias e é culturalmente adequada.
3. As refeições promovem hábitos nutricionais saudáveis.
4. Os educadores são fiéis aos princípios de higiene, o que reduz a propagação de doenças infecciosas.
5. Os educadores incentivam as crianças a seguirem regras simples de higiene.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998) preconiza entre outras orientações, a oferta de uma variedade de alimentos e que o professor estimule a criança a consumir todos os tipos de alimentos, sem ser forçada a comer. Indica, ainda, a necessidade de proporcionar durante as refeições, um ambiente afetivo, de conversas entre as crianças e de prazer.

Da mesma forma, a American Dietetic Association (1994) em conjunto com entidades ligadas a creches, propôs uma série de comportamentos de professores durante os

momentos de refeição enfatizando o papel educativo dessa atividade. Birch (1999) demonstrou a importância da presença e do papel do adulto durante a refeição, tanto para a aceitação de novos alimentos, no respeito ao ritmo e apetite da criança, na importância de não forçar a aceitação de alimentos ou utilizá-los como recompensa, construindo assim bons hábitos alimentares.

Paula (1994) estudando as interações adulto-criança durante o almoço em uma creche do Município de São Paulo aponta para o despreparo dos educadores no sentido de tornar mais prazerosa a tarefa de alimentar as crianças. O autor ressalta a importância da interação adulto/criança nos momentos de refeição no sentido de se garantir um ambiente mais harmônico de aprendizagem e sociabilidade. Neste sentido, Barros et al. (1999) também apontam a relação número de crianças por monitor, como um dos indicadores mais importantes de qualidade de cuidado na creche, sendo considerados prioritários, o treinamento e orientação dos referidos profissionais.

Do ponto de vista nutricional, pesquisas relativas ao consumo alimentar durante o período em que a criança permanece na creche, relataram dietas cuja adequação energética com a adoção da RDA, variou de 35,5 a 66,0% (CRUZ et al., 2001; FERREIRA, 2000; LOPEZ CARDONA, 1999; LOPEZ FILHO, 1992; MAGALHÃES, 1997; MARCHIONI; ZACCARELLI, 2000; SALAY; CARVALHO, 1995; SPINELLI et al., 2003).

Os inquéritos alimentares realizados em creches mostram que o atendimento às recomendações nutricionais nestes locais é parcial e muitas vezes distante do atendimento total preconizado, 100% da RDA. Tais resultados apontam para o não atendimento do objetivo registrado nos documentos. No entanto, seria pertinente identificar fatores que contribuem para uma melhor aceitação alimentar nas creches, além da quantidade de alimentos oferecidos.

Pode-se considerar que além do papel do adulto, incentivando o consumo alimentar, existem diversos fatores que influenciam esta situação: a frequência das refeições e os intervalos entre elas, o sistema de atendimento à criança (auto-serviço ou o proporcionado), a forma de preparo dos alimentos e por fim, a própria falta de apetite decorrente do estado de saúde da criança (EGASHIRA, 1998; LOPES FILHO 1992). Briley, Roberts-Gray e Simpson (1994) pesquisando os fatores que condicionam a elaboração de cardápios em creches, encontraram que a missão da creche é o fator que mais influencia a composição e a estrutura do que é oferecido no tocante à alimentação às crianças. A missão pode ser dividida, segundo os autores, em três tipos de objetivos visados prioritariamente pela creche: promover o bem estar da criança, fornecer um serviço à comunidade e, por fim prover o bem estar dos funcionários. Há que se lembrar que os horários de refeição nas creches, obedecem também à lógica da rotina do adulto na instituição, ou seja, seus horários de entrada e saída, o que pode prejudicar o equacionamento dos intervalos das refeições.

Tendo em vista a importância da creche na formação de hábitos e comportamentos alimentares junto às crianças, esta pesquisa teve por objetivo avaliar momentos de refeição em creches, nos aspectos de duração e intervalo entre as refeições, bem como o comportamento dos adultos em relação à alimentação infantil.

MÉTODOS

O estudo foi realizado em três creches situadas no município de São Paulo. As unidades foram escolhidas de modo a abranger as diferentes formas de administração das creches: direta, indireta e conveniada. A creche direta é aquela construída e mantida integralmente pela Prefeitura do Município. As creches, com administração indireta e conveniada, são administradas por entidades não governamentais, podendo utilizar-se de prédio cedido pela Prefeitura, no caso do modelo de gestão indireta; ou funcionar em prédio próprio, no caso das conveniadas. As entidades que administram as creches (indiretas e conveniadas), recebem um subsídio financeiro da Prefeitura, para efetivar o atendimento às crianças, devendo para isto, manter um padrão de atendimento definido pela mesma.

As creches que integram o estudo são:

Creche 1 – conveniada, localizada no bairro do Itaim Bibi, zona Central da cidade de São Paulo;

Creche 2 – direta, localizada no bairro de Pirituba, zona Norte de São Paulo;

Creche 3 – indireta, localizada no bairro de Itaquera, zona Leste de São Paulo.

Foram observados, durante três dias não consecutivos, os horários de início e término das refeições e o número de profissionais presentes. Posteriormente, foi calculada a média de duração e de intervalo entre as refeições. Os dados relativos à proporção adulto/criança foram analisados, tendo como parâmetro 1 adulto para 13 crianças (ROSEMBERG; CAMPOS, 1994). Observou-se os comportamentos e a dinâmica dos adultos em relação às crianças durante as refeições. Os comportamentos avaliados foram baseados nas recomendações da American Dietetic Association (NAHIKIAN-NELMS, 1997) apresentados a seguir:

Comportamento ideal de professores durante as refeições de crianças em creches

- O professor senta com as crianças durante o lanche ou refeição.
- O professor consome a mesma alimentação que a criança.
- As crianças podem servir-se sozinhas.
- O professor não apressa nenhuma criança para comer.
- O professor incentiva as crianças a experimentarem toda a comida oferecida.
- O professor não exige que as crianças experimentem todos os alimentos antes da repetição de qualquer alimento.
- O professor não força as crianças a comerem toda a alimentação oferecida.
- Alimentos não são usados como recompensa, castigo ou para acalmar uma criança.
- O professor mantém uma conversa agradável com as crianças durante a refeição.
- O professor usa a refeição como uma oportunidade para fazer educação alimentar.

Após a observação de como se realiza a refeição, o comportamento dispensado a mesma era registrado, e ao final dos 3 dias realizou-se a avaliação de cada comportamento. A partir disso, foram elaboradas 5 categorias de ocorrência dos comportamentos encontrados:

- Escore 1: comportamento não observado (não ocorreu nenhuma vez);
- Escore 2: pouco observado (ocorreu de 1 a 2 vezes);
- Escore 3: observado (ocorreu 3 vezes);
- Escore 4: freqüentemente observado (ocorreu 4 vezes);
- Escore 5: muito freqüentemente observado/rotina (ocorreu 5 ou mais vezes).

RESULTADOS

O esquema alimentar proposto pela Prefeitura do Município de São Paulo era seguido nas três creches que forneciam 5 refeições diárias (café da manhã, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar). As creches 1 e 3 funcionavam por um período de 10 horas diárias (das 7 às 17 horas) e a creche 2 por um período de 12 horas (6:30 às 18:30 horas). A saída das crianças ocorria a partir das 16:30 horas nas creches 1 e 3 e às 17:30 horas na creche 2.

As creches mantinham algumas características em comum, tais como: uso do refeitório para as principais refeições - café da manhã, almoço e jantar, divisão das crianças em turnos, nas refeições, sendo a primeira turma constituída pelas crianças menores e a segunda pelas maiores. O lanche da manhã era fornecido rotineiramente, na sala de atividades das crianças ou no pátio externo. O local do lanche da tarde variou devido a fatores como idade das crianças, limpeza do refeitório, festa ou reunião de pais.

As funcionárias da cozinha tinham por atribuição porcionar os alimentos, padronizando as quantidades oferecidas, em todas as refeições, às crianças, com exceção do almoço das crianças de 4 a 6 anos das creches 1 e 3, que se serviam sozinhas (sistema de auto-serviço).

As tabelas 1 e 2 mostram os intervalos entre as refeições e a duração destas em cada creche, respectivamente.

Tabela 1 - Intervalo médio entre refeições em creches, São Paulo, 1999

Refeição	turma	Creche 1	Creche 2	Creche 3
Café da manhã a lanche da manhã	1 ^a	1h45'	1h50'	1h27'
	2 ^a	1h15'	1h35'	1h20'
Lanche da manhã a almoço	1 ^a	55'	1h5'	1h35'
	2 ^a	1h20'	1h45'	2h15'
Almoço a lanche da tarde	1 ^a	3h10'	3h35'	2h50'
	2 ^a	3h5'	3h20'	2h25'
Lanche da tarde a jantar	1 ^a	1h50'	1h55'	1h55'
	2 ^a	1h50'	2h5'	1h45'

Os intervalos das refeições do período matutino foram, em média, inferiores a duas horas, para as refeições da manhã. Períodos maiores que 3 horas foram observados entre o almoço e o lanche da tarde nas creches 1 e 2 (até 3 horas e 35 minutos). Observou-se na creche 2, que o maior intervalo entre o lanche da tarde e o jantar foi de 2 horas e 5 minutos, mesmo sendo a unidade que mantém o maior número de horas de atendimento. Segundo as funcionárias da creche se o jantar for oferecido mais tarde poderá prejudicar o horário de saída das crianças da creche.

A tabela 2 mostra a variação da duração do almoço e jantar entre as creches. Assim, verificou-se que a creche 3 disponibilizou o dobro do tempo para o almoço e jantar da primeira turma, quando comparada à creche 1. A duração do lanche da tarde e jantar foram bastante semelhantes quando se considera o conjunto das creches. Ressalta-se a duração de 14 minutos para a realização de lanche ou jantar na creche 1.

Tabela 2 - Duração média (minutos) das refeições em creches, São Paulo, 1999

Refeição	Creche 1		Creche 2		Creche 3	
	1ª turma	2ª turma	1ª turma	2ª turma	1ª turma	2ª turma
Café da manhã	21	21	17	25	27	27
Almoço	20	20	35	37	42	35
Lanche da tarde	14	15	20	21	25	20
Jantar	15	14	17	20	30	20
Total	70	70	89	103	124	102

Os adultos participantes em cada refeição eram basicamente os professores (Tabela 3), e às vezes o diretor, o coordenador pedagógico ou o auxiliar de enfermagem. As interações entre crianças e cozinheiros eram pouco frequentes, pois, no momento da distribuição das refeições, estes profissionais devem permanecer no interior da cozinha, não sendo prevista na rotina, sua participação no acompanhamento das refeições junto às crianças.

Tabela 3 - Número médio de crianças por adulto no refeitório durante as refeições em creches, São Paulo, 1999

	Creche 1		Creche 2		Creche 3	
	1ª turma	2ª turma	1ª turma	2ª turma	1ª turma	2ª turma
Café da manhã	6,8	12,3	10,3	13,3	*	15,5
Almoço	6,8	10,0	10,3	13,7	13,7	15,1
Lanche da tarde	10,5	13,2	*	22,6	*	*
Jantar	8,0	13,0	13,0	18,2	13,6	*

* sem informações.

A proporção adulto/criança, na creche 1 foi considerada adequada, quando comparada ao parâmetro indicado (1/13), diferente das creches 2 e 3 que, em alguns momentos, ultrapassaram este valor. Ao se observar apenas o almoço e jantar, constata-se que a presença do adulto é menor nas turmas de crianças maiores (2ª turma), em função da maior autonomia.

A tabela 4 apresenta os comportamentos dos adultos observados durante os momentos de refeição nas creches. Ao lado de cada comportamento há uma frequência esperada do comportamento, ou seja, um comportamento que deve ser de rotina recebendo pontuação 5, e um comportamento que deve ser evitado, ou não é esperado recebendo pontuação 1.

Tabela 4 - Comportamento dos professores/adultos durante as refeições em creches, São Paulo, 1999

Comportamento das professoras	Frequência esperada do comportamento	Creche 1	Creche 2	Creche 3
Sentam com as crianças durante o lanche ou refeição	5	2	1	2
Consomem a mesma alimentação que as crianças	5	3	1	5
Permitem que as crianças se sirvam sozinhas	5	5*	1	5*
Respeitam o ritmo das crianças, sem apressá-las para comer	5	4	4	3
Incentivam as crianças a experimentar todos os alimentos oferecidos	5	2	2	3
Exigem que as crianças experimentem todas as preparações antes da repetição de qualquer alimento	1	1	1	2
Forçam as crianças a comerem todos os alimentos oferecidos	1	2	2	4
Utilizam a alimentação como recompensa ou punição	1	2	2	4
Mantêm uma conversa agradável com as crianças durante as refeições	5	2	2	2
Utilizam as refeições como uma oportunidade para praticar educação nutricional	5	1	1	1

(1) não observado; (2) pouco observado; (3) observado; (4) freqüentemente observado; (5) observado muito freqüentemente/rotina.

* Nestas creches, o esquema de auto-serviço era adotado para os grupos a partir de 4 anos, apenas para o almoço.

O respeito ao ritmo e ao paladar das crianças, observados nas creches 1 e 2 e a existência do sistema de distribuição, tipo auto-serviço nas creches 1 e 3, podem ser considerados como fatores positivos.

Nesse sentido, vejamos os principais fatores negativos observados foram o fato de os professores não sentarem à mesa com as crianças e comerem o mesmo tipo de refeição. Tal situação decorre da responsabilidade de servir as crianças, ou de não ter direito a este tipo de benefício (a alimentação), em horário distinto como foi verificado na creche 2. Além disso, a questão de não manterem uma conversa agradável com as crianças e, nem fazerem um trabalho educativo relacionado à alimentação naquele momento, também pareceu ser consequência da rotina proposta, que prevê que o adulto deverá atender e servir as crianças.

Ressalta-se ainda, que na creche 3 foi identificada maior frequência de comportamentos dos adultos relacionados a forçar as crianças a comer todo o alimento oferecido, obrigando-as a não deixarem sobras no prato. Também, nota-se a utilização da alimentação como punição, como no caso da criança que brincava durante a refeição e como penalidade recebeu o almoço sozinha ou na presença do diretor.

DISCUSSÃO

Com relação ao horário de refeições das creches, um aspecto importante a ser ressaltado foram os intervalos entre refeições (principalmente entre o lanche da tarde e o jantar), próximo ou inferior a duas horas, observado nas três creches (Tabela 1), em geral motivados pelo horário de saída das crianças e/ou dos funcionários. Chiva (1997) e Waterhouse et al. (1997) consideram que a cronobiologia, por si só, não consegue estabelecer quais seriam os intervalos ideais e a frequência de refeições, pois o próprio conceito de lanche e refeição é determinado culturalmente, e além do fator biológico dependem de numerosos fatores. De Angelis (1999) também concorda que apesar de todos os avanços nas teorias de regulação da fome, não se pode excluir aspectos psicológicos, sociais e outras influências no contexto fome-saciedade. Apesar destas considerações, o intervalo observado entre o lanche e o jantar nas creches não pareceu ser suficiente para que as crianças estivessem com fome, cumprindo o ritual de mais uma refeição, sem necessidade.

Do ponto de vista educativo, a existência de numerosos momentos de alimentação na creche, pode tornar a rotina cansativa e pouco estimulante para as crianças, por terem que se alimentar sem o estímulo da fome. Por outro lado, o argumento de que a criança não teria recursos para se alimentar em casa, por se tratar de uma criança pobre, poderia justificar a manutenção do jantar na creche. Neste sentido, dois estudos de consumo alimentar, mostram o contrário. Pesquisa de Holland (1999) investigando práticas alimentares em duas creches ($n=82$), verificou que quase a metade das crianças ingeriu três refeições em casa, e pouco mais de um terço, ingeriu duas refeições adicionais às refeições recebidas na creche. Freiberg (2000) estudando amostras de crianças menores de dois anos em creches ($n=150$), constatou que 75% delas recebiam o café da manhã em casa, 94,7% jantavam e 100% recebiam no domicílio um lanche à noite.

Assim, reforça-se na creche, a perpetuação de uma prática que tenta priorizar o atendimento nutricional, mas que acaba por colocar a criança em um cotidiano mais voltado a ações de cuidado e de alimentação, diminuindo o tempo para atividades lúdicas e de aprendizagem.

Com relação ao tempo de duração das refeições, sabe-se que não há exatamente um tempo ideal estipulado para a atividade. No entanto, parece razoável afirmar, que uma refeição não deve ser muito demorada, para que não ocorram momentos longos de espera, por parte da criança e tampouco muito curta, para que ela possa comer tranquilamente. O tempo de duração médio das refeições apresentado na tabela 2, poderia estar relacionado à quantidade de alimentos consumida pelas crianças. Deve-se salientar, no entanto, que a duração da refeição não correspondeu apenas ao tempo da criança em se alimentar. O tempo excedente é usado para o deslocamento das crianças até as mesas, tempo de espera para serem servidas ou servir-se, saída do refeitório e até mesmo nas brincadeiras com alimentos e entre seus pares. Bergman et al. (2000) analisando dados de amostra de 182 pré-escolares, identificaram um tempo médio efetivo de consumo de alimentos no almoço de 8 minutos e 49 segundos (DP=3 minutos e 42 seg.). Holland (1999) observou tempo de espera no refeitório de até 15 minutos para as crianças serem servidas, 15 minutos para comer e no sistema auto-serviço a refeição teve duração de cerca de 30 minutos.

O tempo *exclusivo* gasto pela criança no processo de alimentação não pôde ser observado, no entanto, verificou-se a existência de vários momentos de espera, principalmente ao término das refeições, nas creches 1 e 2. Cada turma de crianças saía do refeitório apenas quando todo o grupo estivesse pronto, o que tornava o período mais longo. Já na creche 3, as crianças, principalmente dos grupos maiores, deixavam o refeitório conforme terminavam a refeição, porém permaneciam um período maior no mesmo local. Por outro lado, observou-se que, por várias vezes, a sala das crianças era usada para a realização do lanche da manhã ou da tarde e até o do jantar. Esta é uma prática positiva, pois elimina o tempo de deslocamento das pessoas até o refeitório e, conseqüentemente diminui o tempo de espera para a realização das refeições.

Ao analisar a proporção adulto/criança nas creches (Tabela 3) verificou-se que ela esteve abaixo do recomendado em alguns momentos na creche 2, com até 22,6 crianças/adulto. Barros et al. (1999) encontraram valores de 10,2 e 20,8 crianças/monitor, para a faixa etária de 4 a 6 anos, respectivamente em creches públicas e filantrópicas da cidade de Pelotas-RS. Um número insuficiente de adultos durante a refeição poderia contribuir negativamente no comportamento dos professores (Tabela 4), pois, o acúmulo de tarefas dos funcionários contribui para a indisponibilidade de cada um. No entanto, maior número de professores não foi suficiente para garantir, automaticamente, melhores interações ou práticas, restringindo-se às tarefas de distribuição e acompanhamento das crianças.

Paula (1994) ressalta a importância para as crianças pequenas, em contar com um orientador experiente para a aquisição de novas habilidades, como a de se alimentar sozinha. Em estudo, desenvolvido em uma creche direta, o autor encontrou o mesmo tipo de características de atendimento por parte das professoras, que visava basicamente o controle

do grupo de crianças e a eficiência da situação. É registrada a sugestão para melhoria da qualidade desta interação, ou seja, a revisão da proporção adulto/criança, sendo insuficiente a relação de 1/9 para crianças na faixa etária de 1 a 2 anos de idade.

Outro comportamento comum verificado nas creches foi o pequeno interesse em motivar as crianças a experimentar todos os alimentos oferecidos, inclusive durante a montagem do prato no auto-serviço. O estímulo à escolha de alimentos novos e conseqüentemente a uma maior variedade na alimentação, é um fator importante na construção de bons hábitos alimentares. A neofobia, ou seja, a aversão pelo alimento novo é um comportamento bastante comum entre as crianças. Birch (1999), aponta que é necessário cerca de oito a dez ofertas repetidas de um alimento não familiar para que se intensifique a aceitação deste pela criança. A rejeição sistemática de determinados alimentos pode contribuir para sua retirada definitiva do cardápio, levando a uma menor variedade em sua composição.

Hendy e Raudenbush (2000) estudando a efetividade da ação do professor, como modelo para a criança pré-escolar, na aceitação de novos alimentos, encontraram um padrão satisfatório de aceitação, apenas nos casos em que o professor falava entusiasticamente sobre o alimento (“Mmm, eu adoro manga!”), em contraposição ao professor que não fazia nenhum comentário. Este modelo só era bem sucedido quando não havia a opinião contrária de outras crianças, sobre o alimento novo. Lopez Cardona (1999) em um estudo de consumo alimentar envolvendo crianças atendidas em duas creches, observou que era influência positiva do adulto sobre o consumo, quer por meio da ajuda deste no ato das crianças em se alimentar, ou em conversas sobre as características e importância dos alimentos servidos.

Percebe-se que o esquema alimentar e a organização das refeições nas creches procuram garantir o oferecimento dos alimentos, porém não assegura, neste momento, o desenvolvimento da parte educativa. Na creche 3, as crianças eram freqüentemente forçadas a comer (Tabela 4) e havia a utilização da alimentação como recompensa ou punição, fato raramente observado nas demais creches. Diversos autores ressaltam a importância ao respeito ao apetite da criança, para favorecer a construção de boas relações com os alimentos (AMARAL et al., 1996; BIRCH, 1999; OLIVEIRA, 1997). Vale lembrar que nesta creche os intervalos entre as refeições eram menores (Tabela 1), o que pode acarretar falta de apetite da criança na refeição, conduzindo o adulto a forçar a aceitação do alimento. Paula (1994) pesquisando o que representam os professores em relação à alimentação na creche, observou que a preocupação deste tema está associado à idéia de prevenção de doenças, o que os mobilizam afetivamente, principalmente em relação à criança pobre. Na creche 3, observa-se que pode ser este um fator que contribuiu para a existência deste comportamento.

As características relativas aos momentos da refeição observados neste estudo, ou seja, intervalos pequenos entre refeições, pode levar a criança a comer sem estar com fome, o tempo de espera no refeitório e a atenção dedicada ao ato de servir, mas não ao educar a criança, mostram um quadro preocupante em relação ao que se espera de um atendimento de qualidade, em que as refeições devem ser ocasiões agradáveis e promover bons hábitos alimentares.

CONCLUSÕES

Os intervalos entre refeições nas creches que integram a pesquisa, mostrou-se inadequado principalmente entre o período do lanche da tarde e o jantar, independente do horário de funcionamento das mesmas: 10 ou 12 horas. A duração das refeições (jantar) variou de 14 minutos (creche 1) a 42 minutos (refeição creche 3) o que pode significar neste caso, momentos longos de espera em refeitório, ou seja, proporciona uma rotina cansativa à criança. A proporção adulto/criança foi, na maioria das refeições, adequada, porém não se garantiu um comportamento satisfatório, principalmente no que diz respeito ao aspecto de manter uma convivência agradável ao se realizar um trabalho de educação nutricional.

Os aspectos abordados apontam para a necessidade de revisão dos atuais objetivos nutricionais em creches municipais, bem como a ampliação de critérios para avaliar a qualidade dos alimentos, em que pese não apenas a questão nutricional, mas o cotidiano da criança na creche e o papel educativo da instituição.

REFERÊNCIAS/REFERENCES

- AMARAL, M. F. M. et al. Alimentação de bebês e crianças pequenas em contextos coletivos: mediadores, interações e programações em educação infantil. *Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.*, v. 6, p. 19-33, 1996.
- AMERICAN DIETETIC ASSOCIATION. Nutrition standarts for child care programs. *J. Am. Diet Assoc.*, v. 94, n. 3, p. 323-328, 1994.
- BARROS, A. J. D. et al. Perfil das creches de uma cidade de porte médio do sul do Brasil: operação, cuidados, estrutura física e segurança. *Cad. Saúde Pública*, v. 15, n. 3, p. 597-604, 1999.
- BERGMAN, E. et al. Time spent by schoolchildren to eat lunch. *J. Am. Diet Assoc.*, v. 100, n. 6, p. 696-698, 2000.
- BIRCH, L. L. Os padrões de aceitação dos alimentos pelas crianças. *Anais Nestlé*, v. 57, p. 12-20, 1999.
- BRILEY, M. E.; ROBERTS-GRAY, C.; SIMPSON, D. Identification of factors that influence the menu at child care centers: a grounded theory approach. *J. Am. Diet Assoc.*, v. 94, n. 3, p. 276-281, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI), novembro de 1998.
- CHIVA, M. Cultural aspects of meals and meal frequency. *Br. J. Nutr.*, v. 77, p. S21-S28, 1997. Supplement 1.
- CRUZ, G. F. et al. Avaliação dietética em creches municipais de Teresina, Piauí, Brasil. *Rev. Nutr., Campinas*, v. 14, n. 1, p. 21-32, 2001.
- DE ANGELIS, R. C. Fome: conceito fisiológico. In: DE ANGELIS, R. C. (Org). *Fome oculta: impacto para a população do Brasil*. São Paulo: Atheneu, 1999. p. 1-8.
- EGASHIRA, E. M. *Características da dieta e determinantes proximais do consumo energético nos primeiros dois anos de vida no município de São Paulo*. 78 f. 1998. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- FERREIRA, R. T. *Avaliação do consumo de lipídios em crianças de 3 a 4 anos matriculadas em uma creche municipal de São Paulo*. 90 f. 2000. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

- FREIBERG, C. K. *Avaliação nutricional de crianças menores de dois anos institucionalizadas em creches no município de São Paulo*. 114 f. 2000. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- HADDAD, L. *A creche em busca de sua identidade*. São Paulo: Loyola, 1991.
- HENDY, H. M.; RAUDENBUSH, B. Effectiveness of teacher modeling to encourage food acceptance in preschool children. *Appetite*, v. 34, n. 1, p. 61-76, 2000.
- HOLLAND, C. V. *A creche e seu papel na formação de práticas alimentares*. 71 f. 1999. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- LOPES FILHO, J. D. *Dieta consumida por pré-escolares em Centros Infantis: avaliação de dois CIs do município de Campinas*. 67 f. 1992. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- LOPEZ CARDONA, C. M. *Avaliação de consumo alimentar de crianças frequentadoras de creches municipais de São Paulo*. 81 f. 1999. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- MAGALHÃES, P. *Parâmetros nutricionais em pré-escolares de creches municipais de Viçosa – MG, relacionados com anemia e deficiência de vitamina A*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- MARCHIONI, D. M. L.; ZACCARELLI, E. M. Avaliação da qualidade do consumo alimentar de crianças de 4 a 6 anos em creche pública da região metropolitana de São Paulo. *Cad. UniABC Nutr.*, v. 2, n. 11, p. 59-68, 2000.
- NAHIKIAN-NELMS, M. Influential factors of caregiver behavior at mealtime: a study of 24 child-care programs. *J. Am. Diet Assoc.*, v. 97, n. 5, p. 505-509, 1997.
- OLIVEIRA, V. B. Aspectos psicológicos envolvidos na alimentação. *Pediatria Moderna*, v. 33, p. 896-899, 1997.
- PAULA, E. M. A. T. *Comida, diversão e arte: o coletivo infantil em situação de alimentação na creche*. 154 f. 1994. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- PIOTTO, D. C. et al. Promoção da qualidade e avaliação na educação infantil: uma experiência. *Cad. Pesq.*, v. 105, p. 52-77, 1998.
- ROSEMBERG, F.; CAMPOS, M. M. (Org.). *Creches e pré-escolas no hemisfério norte*. São Paulo: Cortez - Fundação Carlos Chagas, 1994.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S. Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. *Psicol. Reflex. Crit.*, v. 13, n. 2, p. 281-293, 2000
- SALAY, E.; CARVALHO, J.F. The nutritional value of nursery school meals served in Campinas City, Brazil. *J. Food Systems*, v. 8, p. 175-86, 1995.
- SÃO PAULO (Cidade). Prefeitura do Município. *Programas de alimentação do Município de São Paulo*. São Paulo, 1996.
- SPINELLI, M. G. N. et al. Consumo alimentar de crianças de 6 a 18 meses em creches. *Rev. Nutr., Campinas*, v. 16, n. 4, p. 409-414, 2003.
- WATERHOUSE, J. et al. Chronobiology and meal times: internal and external factors. *Br. J. Nutr.*, v. 77, p. S29-S38, 1997

Recebido para publicação em 03/08/04.

Aprovado em 01/06/05.